

Sertanista retorna a Manaus após quatro dias com korubos

Possuelo, após contato com a tribo arredia, admite que a tarefa de preservação será árdua

Antônio Menezes

O sertanista Sidney Possuelo chegou quinta-feira a Manaus com a certeza de que sua luta para a preservação das terras indígenas será árdua. Após quatro dias de contato com os korubos, índios arredios procurados há mais de 25 anos por equipes da Funai, Possuelo deixou a tribo convencido de que parte da agressividade depositada aos korubos deve-se à ação predatória do homem. "Ao longo da história, a vida desse povo vem sendo marcada pela violência. Na tentativa de se aproximar, a Funai já perdeu sete funcionários, mortos pelos korubos. Muitos ribeirinhos também já foram assassinados, pois invadiram suas terras em busca de tentar comércio lá dentro", denuncia Possuelo, aproveitando para defender os índios. "Não é que eles gostem de matar. Fazem isso para vingar seus mortos".

De acordo com Possuelo, o contato, apesar de ter sido importante, é apenas um detalhe frente ao trabalho que pretende realizar na área. "Queremos que o território indígena, cerca de 8,3 milhões hectares, seja respeitado, principalmente pelas prefeituras da região. Fincamos placas demarcando o lugar e estas foram arrancadas. Colocamos novamente e agora estamos em processo de vigilância", advertiu.

O primeiro contato com os korubos começou no dia 9 de outubro. Uma equipe formada por 26 pessoas, entre sertanistas, jornalistas e índios matis, mayruna, canamari e marubos, partiu do rio Ituí, na fronteira entre Brasil e Peru. Pela frente, cerca de 20 quilômetros de floresta densa e a certeza dos problemas que encontrariam pelo caminho, entre eles as dificuldades topográficas e falta de alimentação.

Contato amigável — Possuelo já sabia a localização exata da tribo, pois pela segunda vez voltava ao local. "Fizemos quatro expedições só este ano: uma para reconhecimento do terreno. Na segunda, procuramos a localização, mas não encontramos. Só na terceira achamos o caminho. Até que na quarta, com as coordenadas geográficas, chegamos à aldeia". De acordo com Possuelo, aparentemente não havia ninguém no local, mas ele presentiu estar sendo observado. Então tratou de deixar alguns "presentes" na aldeia para certifica-los de que se tratava de contato amigável.

A mil metros da tribo, o sertanista e sua equipe começaram a emitir um código para os korubos saberem de sua aproximação. Batiam nas árvores e davam gritos específicos. Quando o contato realmente se deu, após sete dias de caminhada pela selva, o grupo se emocionou com a receptividade dos índios, o que lhes levou às lágrimas. Mas, apesar de tanta hospitalidade, preferiram montar barracas há mais de 500 metros de distância e se revezaram à noite na vigília. "Na aldeia não tinha mais que 25 índios. Aos poucos, eles foram tomando a iniciativa e passaram a nos visitar no acampamento. Nos presentearam com milho de sua plantação e bebidas. Em troca, lhes demos panelas, machados, facas e terçados, coisas que valorizam muito", contou Possuelo, satisfeito com mais essa barreira transposta. "No próximo ano irei novamente. Quero ver se estarão bem de saúde. Esse era o único grupo no Vale do Javari que pretendíamos fazer contato, em função da situação peculiar de estarmos além de todos os limites e expostos à ataques".



Segundo o sertanista, os korubos só querem vingar seus mortos

Índios bonitos e saudáveis

Bonitos e saudáveis, de hábitos extremamente simples. Foi assim que o sertanista Sidney Possuelo definiu os índios korubos, que no mês de outubro permitiram o primeiro contato dos civilizados. O que também chamou a atenção da equipe de expedicionários foi o corte de cabelo, raspado na região do crânio e com tufo na frente e na nuca.

Os korubos não utilizam arcos e flechas. Para a luta, dispõem de cacetes e na hora da caça apelam para as zarabatanas. Ao contrário dos outros índios, não são adeptos de muitas indumentárias. Usam braceletes como adorno e enviras ao redor da cintura, que servem para prender o prepúcio (pele que cobre a glândula do pênis).

A alimentação dos korubos resume-se a caça, mandioca, milho e tubérculos de sua própria plantação. Dentro das aldeias, somente o essencial para a sobrevivência.

De acordo com Possuelo, talvez isso seja um reflexo de muita perseguição, da necessidade de se mudar à medida que se vêem diante de perigos.

A língua dos korubos é o pano, também falada pelos marubos e matis, com pequenas diferenças linguísticas. Mas nada que impeça a comunicação entre eles. Segundo Possuelo, no breve contato de quatro dias deu para perceber o carinho com que as mulheres e crianças são tratadas pelo homem.

Com relação à crença e hábitos, o sertanista ainda acha prematuro falar algo a respeito. Mas acredita que estudiosos e antropólogos começarão essa tarefa daqui a alguns anos. Possuelo critica a atuação do governo quanto à demarcação e preservação das terras indígenas. "A questão indígena é sempre secundária, terciária, quaternária. O último olhar é sempre na 25ª hora".